

ESGRIMA – DE ARTE DA GUERRA A ESPORTE, UMA PASSAGEM PELO EXÉRCITO BRASILEIRO

Capitão de Infantaria Luciano da Silva Colares

*Esgrima – ação dos músculos,
trabalho da mente,
educação do espírito.*

Resumo

O estudo de revisão procura reunir informações quanto a história da esgrima e sua evolução. O autor faz uma análise da relação entre a esgrima e a instrução militar, particularmente no Exército Brasileiro.

Abstract

This review seeks to gather information regarding fencing's history and evolution. The autor makes an analysis of the relationship between fencing and military instructions, particularly in the Brazilian Army.

Introdução

Há milênios o homem luta e combate entre si. Essa luta, que certamente teve origem na necessidade de garantir sua sobrevivência em relação aos demais animais, passou por diversos estágios de desenvolvimento. Todavia, a gênese do domínio da raça humana sobre a Terra indubitavelmente começou pela conscientização do próprio homem de sua inferioridade física frente à maioria dos animais. Essa tomada de consciência, fruto de um discernimento inteligente, fez com que o homem concebesse e criasse a FERRAMENTA.

A FERRAMENTA talvez seja o símbolo que melhor distingue o homem de seus parentes primatas, pois, ainda que estes últimos também a utilizem, não são capazes de concebê-las e reproduzi-las baseados em conhecimentos passados. No momento em que o homem torna-se capaz de reproduzir um objeto, recorrendo a conhecimentos adquiridos anteriormente, passa a projetar a imagem do ainda não existente, tomando então consciência do futuro.

As armas brancas nada mais foram e nada mais são do que FERRAMENTAS, as quais o homem criou e desenvolveu com o intuito de superar seus

oponentes, fossem estes animais ou o próprio homem.

O emprego das armas brancas, também conhecido como ciência da esgrima, faz parte de nossa história desde muito e ainda não está descartado como técnica individual de combate, haja vista o ainda presente emprego das baionetas em nossos fuzis de assalto.

Este artigo não tem por finalidade esgotar o assunto, mas sim expor fatos que não são do conhecimento geral e que analisam a relação da esgrima na instrução militar no passado, particularmente na instrução dentro do Exército Brasileiro.

A esgrima no Brasil e seu emprego como meio de defesa

Brasil Colônia

Durante a fase colonial, a defesa de nosso território tinha três dificuldades básicas a serem vencidas:

- . a preferência que os portugueses tinham pelas Índias;
- . a vastidão da costa, o que a tornava quase indefensável;
- . a pequena população de Portugal.

Diante de tais fatos, D. João III dividiu o Brasil em capitanias e a elas delegou a missão de defesa da terra.

Os nobres que aqui chegavam não possuíam interesse pela prática da esgrima, diferente da nobreza européia, entre a qual a esgrima era amplamente praticada, tendo, posteriormente, sido difundida para o povo, exceção feita à Itália onde o processo foi inverso. Nessa época, a prática da esgrima limitou-se à transmissão de noções rudimentares aos membros das capitanias que fossem encarregados de sua defesa.

Embora sejam escassos os documentos que relatam o armamento utilizado nessa época, Thomé de Souza trouxe consigo as instruções conhecidas como "Regimento del Rei de 1548", as quais podemos considerar como a primeira lei orgânica das Forças Armadas do Brasil, pois definiam o armamento e o uniforme que deveriam possuir as tropas das capitanias. Como exemplo, além de outros armamentos, os capitães de capitanias deveriam possuir 20 (vinte) lanças e 40 (quarenta) espadas; os senhores de engenho deveriam contar com pelo menos 10 (dez) lanças e 20 (vinte) espadas. As principais armas brancas eram a espada de guarda em cruz, a rapieira e a estremação.



Figura 1 – Aspecto de um combate entre portugueses e espanhóis (séc. XVI)

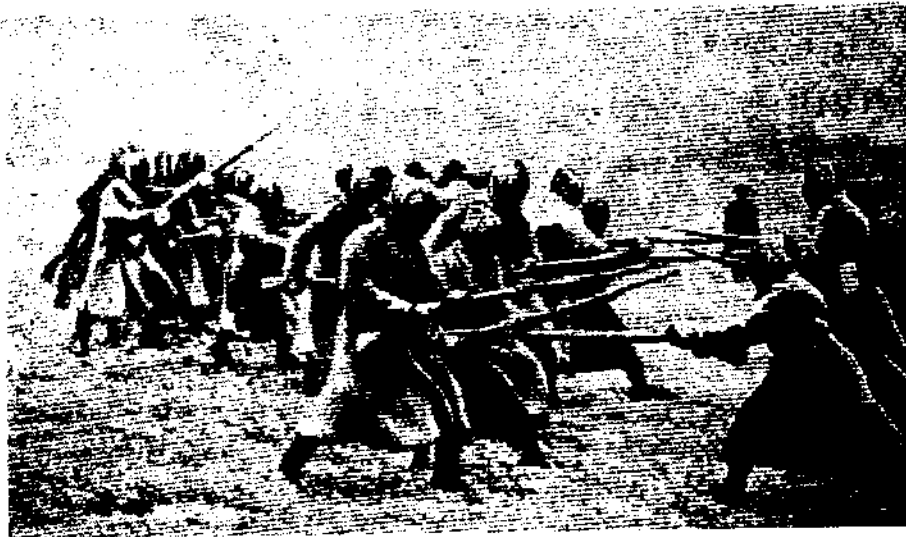


Figura 2 – Aspectos da tropa realizando uma instrução de combate a baioneta (séc. XIX)

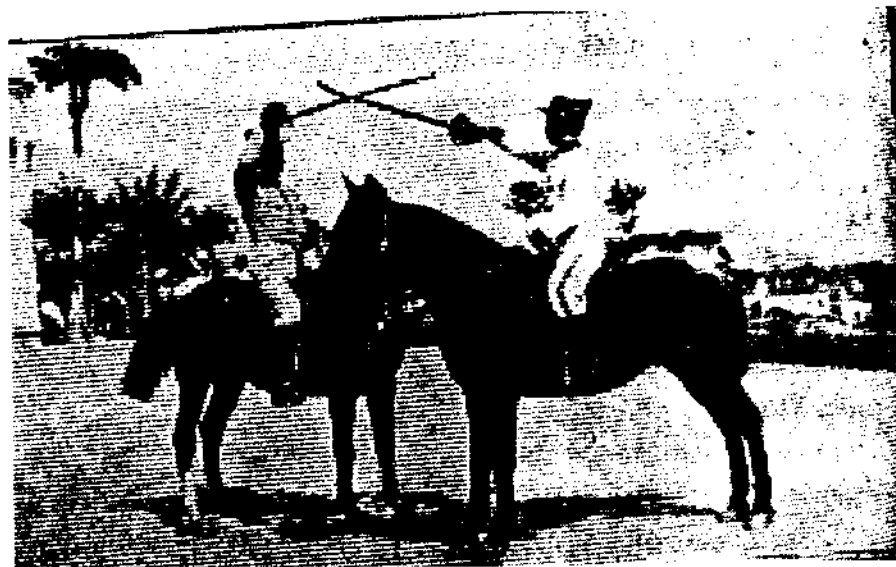
Brasil Império

Durante o Império, o emprego da esgrima limitou-se à instrução da tropa e em duelos de honra (até que fosse derramada a primeira gota de sangue) ou morte.

Na tropa, assumia as modalidades de esgrima a cavalo, esgrima de baioneta e esgrima de lança, todas admitindo diferentes combinações entre elas. O emprego das armas brancas ainda se fazia necessário em função do *Choque*, uma das propriedades táticas da cavalaria e da infantaria.

Além dessa importante propriedade tática, até a primeira metade do século XIX a maioria de nossas armas eram de pederneiras (anti-carga) e possuíam um sistema de carregamento lento e difícil, que acabava por facilitar a aproximação do inimigo e fazer necessária a aplicação da esgrima. Na segunda metade do século XIX, a aquisição de armas de repetição, como o fuzil americano *Roberts* e a clavina *Spencer*, aumentaram a eficiência das armas de fogo e, paulatinamente, diminuíram a necessidade do embate corpo a corpo.

Figura 3 – Aluno do Colégio Militar em treinamento de esgrima a cavalo (final do séc. XIX)



Brasil República

No início do século XX, o emprego da esgrima em combate já se limitava exclusivamente à utilização da baioneta, como nos mostrou terrivelmente a Primeira Guerra Mundial e sua “guerra de trincheiras”.

No Brasil, cresce o interesse pela esgrima esportiva, em função de sua implantação nas primeiras olimpíadas da era moderna, em Atenas, no ano de 1896. Na Escola Militar da Praia Vermelha inicia-se um movimento em prol da esgrima, constituindo-se, nessa instituição, um grupo de amadores. A chegada da missão militar francesa faz com que se instale uma sala d'armas na Urca, dando origem à esgrima esportiva e, posteriormente, à instalação da Escola de Educação Física do Exército.



Figura 4 – Esgrima nos jogos de Atenas 1896 (foto extraída do livro *En garde, du duel à l'escrime*, de Pierre Lacaze)

Na atualidade

Nos dias de hoje ainda se pratica a esgrima na instrução militar. O combate a baioneta, que ainda ensinamos ao soldado, nada mais é do que a velha esgrima a baioneta que se ensinava no passado. Além disso, os princípios de emprego do cassetete, utilizado pelas nossas unidades de PE, são os mesmos preconizados pelo manual francês de 1934, na instrução de *combate com bastão*.

É óbvio que seu emprego mais conhecido ainda é o da esgrima como esporte, sendo a mesma praticada com muito orgulho e fervor por alunos – cadetes em suas escolas e por oficiais na EsEFEx.

Fora do continente europeu, o único curso de formação de mestres d'armas reconhecido pela Federação Internacional de Esgrima (FIE) funciona no Brasil, mais precisamente na Escola de Educação Física do Exército, onde já se graduaram inúmeros civis e militares do Brasil e do exterior.

Na área do ensino superior, cabe ressaltar que as universidades federais do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul possuem esgrima em seus currículos. Recentemente, a exemplo de países como França e Alemanha que a adotam em seus currículos escolares, a esgrima foi incluída no Plano de Matérias de Educação Física dos colégios militares.



Figura 5 – Assalto de esgrima na atualidade (foto extraída do livro *En garde, du duel à l'escrime*, de Pierre Lacaze)

Conclusão

Como podemos observar, a esgrima, até um passado extremamente recente, fez parte do nosso cotidiano militar. Saber empregar e utilizar uma arma branca era tão importante como saber ati-

rar hoje em dia. Atualmente, graças ao trabalho daqueles que nos precederam, seu emprego permanece entre nós através de sua prática como esporte, auxiliando e contribuindo sobremaneira no processo de formação e educação de nossas gerações.

REFERÊNCIAS

Revista do Instituto Geográfico e Histórico Militar Brasileiro, 2º semestre 1973.

História da Esgrima, nota de aula do curso da Escola de Educação Física do Exército.

BARBOSA FALCÃO, Valério. *A esgrima*. Edição especial. Rio de Janeiro, 1944.

BARBOSA FALCÃO, Valério. *Lições d'Armas*. Rio de Janeiro : Imprensa Militar, 1917.

Règlement Général d'Education Physique, Méthode Française. Deuxième Partie. Paris : Librairie Militaire, 1931.

PARGA RODRIGUES, Cezar A. *Esgrima de espada*. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1906.

PENHA MARINHO, Inezil. *História da educação física e história da educação física no Brasil*.